

IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NA ALFABETIZAÇÃO¹

LITERACY IMPACTS OF THE COVID-19 PANDEMIC

Geane Pereira da Silva¹

RESUMO: Este artigo aborda os impactos da Covid-19 na alfabetização e busca compreender as estratégias utilizadas no processo de alfabetização pós pandemia. O referencial teórico baseou-se em Magda Becker Soares e Machado e Silva. A coleta de dados foi de cunho qualitativo, com entrevistas estruturadas realizadas no com professoras de escolas municipais de ensino fundamental distintas de Sinop-Mato Grosso, em 2023. Os desafios enfrentados pelas educadoras no processo de alfabetização pós-pandemia foram as desigualdades sociais e a falta de comprometimento das famílias, deste modo, foram realizados investimentos em reforço escolar e em formações continuadas para suprir as necessidades de construção de leitura e escrita no período pós-pandêmico.

Palavras-chave: Alfabetização. Pandemia. Professores.

ABSTRACT: This article discusses the impact of Covid-19 on literacy and seeks to understand the strategies used in the post-pandemic literacy process. The theoretical framework was based on Magda Becker Soares and Machado e Silva. Data collection was qualitative, with structured interviews conducted with teachers from different elementary schools in Sinop/MT, in 2023. The challenges faced by educators in the post-pandemic literacy process were social inequalities and lack of commitment from families, so investments were made in school reinforcement and continuous professional development to meet the needs of literacy construction in the post-pandemic period.

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NA EDUCAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, sob a orientação do Dra. Caroline Mari de Oliveira Galina, Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, 2023/1.

Keywords: Literacy. Pandemic. Teachers.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia covid-19 surpreendeu a todos levando a humanidade para uma realidade totalmente antagônica a qual estávamos familiarizados, trazendo grandes prejuízos para os anos iniciais na alfabetização. As aulas remotas ou *online* não abraçavam a todos que estavam em idade escolar, pois não supriam as necessidades do processo de alfabetização, dificultando a aprendizagem dessas crianças (MOREIRA; 2020). Diante da dificuldade enfrentada por esta acadêmica, que atuou no ensino remoto/híbrido nesse contexto, surgiu o interesse eminente nesta temática. A finalidade deste artigo é compreender as estratégias utilizadas no processo de alfabetização pós pandemia em escolas municipais de Sinop - Mato Grosso.

A pesquisa é de cunho qualitativo, realizou-se em escolas distintas no Município de Sinop-MT. A coleta ocorreu por meio de entrevista semiestruturadas com professores que atuaram em turmas de 2º ano (ou anos posteriores), atendendo alunos que não consolidaram as habilidades necessárias de leitura e escrita durante a pandemia. Esta pesquisa baseia-se em Magda Soares, Silvia Colello.

Nas seções a seguir, apresenta-se alfabetização e o uso das TIC's como etapa de ensino, a metodologia, os resultados e discussões e as considerações finais.

2 ALFABETIZAÇÃO E O USO DAS TIC'S COMO ETAPA DE ENSINO

A alfabetização é uma etapa fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois é nesse período que as crianças desenvolvem as habilidades necessárias para ler e escrever. É uma fase em que elas aprendem os princípios básicos da língua escrita e desenvolvem as competências necessárias para compreender e se expressar por meio da leitura e da escrita. A alfabetização deve integrar-se com o desenvolvimento das habilidades de uso do sistema alfabético aguçando os linguísticos e cognitivos (Soares, 2004).

Machado e Silva (2022), descrevem a alfabetização como um processo de apropriação do sistema de escrita de uma língua, até então apenas falada e escutada pelo aluno, o que demanda procedimentos de interação e abordagens que devem ser adotadas a fim de possibilitar ao aluno aprender a ler e a escrever, inserindo-o nas culturas do escrito. A aprendizagem não é um processo espontâneo, pois demanda a mediação de um adulto mais capaz ou a presença de colegas, bem como uma estrutura organizacional consistente, uma atuação da escola e dos professores a fim de que os alunos se sintam motivados a aprender e a compreender melhor as coisas. Portanto, a alfabetização se caracteriza como um processo sistemático, intencional e planejado, sendo que a escola é o espaço social onde ocorre este processo.

Machado e Silva (2022) consideram, ainda, haver uma distinção entre alfabetização e letramento, embora possam ser entendidas como práticas indissociáveis, interdependentes e simultâneas. O letramento é a habilidade de saber ler e escrever de acordo com o contexto das práticas

sociais que envolvem a leitura e a escrita, as quais se pautam na linguagem como produto cultural e social.

Ele se desenvolve por meio da interação do indivíduo com a linguagem escrita em diferentes situações e práticas sociais, tanto na escola quanto fora dela. O conceito de letramento de Magda Soares enfatiza a importância de uma educação que vá além do ensino mecânico das letras, promovendo a compreensão e a participação do estudante neste processo de apropriação das habilidades aqui descritas. (Soares, 2011).

A Política Nacional de Alfabetização (PNA), na forma do Decreto nº 9.765 de 11 de abril de 2019, sugere que a alfabetização deve ocorrer com base em evidências científicas e com a participação fundamental da família no processo, sendo descrita também como instrumento de superação das vulnerabilidades sociais (Luiz, 2020).

Em virtude da pandemia Covid-19, ocorreu o fechamento total ou parcial de escolas em 186 países, o que impactou o calendário escolar trazendo prejuízo à qualidade do aprendizado, e do isolamento social, para reduzir os impactos na educação, as escolas recorreram ao ensino remoto. Essa modalidade não é uma novidade, tendo surgido em meados da década de 1990, portanto, a proposta já existia, mas, com o agravamento da pandemia, o ensino remoto foi revestido de uma nova importância a fim de não trazer prejuízos ao calendário escolar.

Nesse sentido, a Portaria nº 345/2020, do Ministério da Educação (MEC), permitiu a substituição das aulas presenciais continuadas por atividades apoiadas em tecnologias da informação e comunicação. Entretanto, para muitos professores, o ensino por meio de interfaces digitais era uma realidade inteiramente nova, a qual nunca ou pouco tiveram contato, representando um desafio tanto para eles quanto para os alunos (Lemos; Sarto, 2021).

A introdução do ensino remoto na educação básica suscitou o firmamento de uma nova relação mais estreita entre a escola e a família, considerando a necessidade de se partilhar novas responsabilidades, principalmente, no sentido de os pais acompanharem o bom andamento das aulas pelos filhos e, se possível, contribuírem para o bom andamento das aulas remotas por algum dispositivo eletrônico.

Contudo, Ferreira, Ferreira e Zen (2021) afirmam ter sido observados obstáculos para se promover uma transposição das práticas educativas da modalidade presencial para a não presencial, contribuindo desta forma para empobrecer a rotina de ensino-aprendizagem no contexto remoto.

As principais dificuldades enfrentadas pelas famílias no contexto do ensino remoto, foram a falta de acesso à internet de qualidade e computadores, e também a falta de interação do aluno com o ambiente escolar.

Por sua vez, as dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização e letramento se intensificaram fazendo com que os professores tivessem que recorrer às tecnologias digitais, em específico, as tecnologias audiovisuais, que passaram a assumir um papel fundamental para a construção de uma escola que seja voltada para a formação de indivíduos que sejam capazes de construir seu próprio conhecimento, levando em consideração as necessidades individuais e a forma como são construídas as aprendizagens. As principais dificuldades enfrentadas por estes estudantes foram, principalmente a falta de acesso as tecnologias e falta de qualificação profissional dos pais em

mediar a apropriação desse conhecimento, o que dificultou muito esse processo. Segundo a autora Keslen Mateus (2023) das muitas dificuldades enfrentadas nesse período de pandemia, sem dúvidas o fechamento das escolas foi a que mais trouxe prejuízos a educação. Apesar do contexto das aulas remotas, de acordo com a autora é possível alfabetizar se a família e escola/professor estiverem trabalhando de forma conjunta.

3 METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo, constituindo-se de entrevistas semiestruturadas com a equipe de professores que atuaram em turmas de 2º ano (ou mais) nas quais haviam alunos que, por terem assistido as aulas de forma remota, não foram devidamente alfabetizados até o 2º ano. Trata-se de professores de escolas distintas de Sinop-MT, o que caracteriza um grupo restrito com características distintas.

As entrevistas foram realizadas no próprio local de trabalho (no momento em que estavam em hora-atividade), e gravadas com dispositivo móvel. Estas foram transcritas na íntegra, mas, para efeito de apresentação deste trabalho, serão apresentados trechos pertinentes ao roteiro de entrevista, resguardando-se a identidade das participantes, os quais foram identificadas por P1, P2 e P3.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, será abordada a problemática: Impactos da Pandemia Covid-19 na Alfabetização sob o olhar de alguns professores de escolas públicas municipais distintas que vivenciaram esse desafio relacionado ao processo de alfabetização pós-pandemia.

Questão 1: Antes da pandemia covid-19 o número de alunos não alfabetizados inspirava cuidados? A pandemia agravou este quadro?

(01) P1: A pandemia agravou com certeza bastante esse quadro, mas nós sempre tivemos esse problema de alfabetização na idade certa. Nas aulas remotas, foi a pouca participação, a gente gravava as aulas fazia tudo certinho, mas a criança não tinha acesso, as vezes o celular estava com o pai que estava trabalhando e a pouca participação foi o que mais agravou, também tem esses casos de falta de internet, falta de acesso.

(02) P2: Ah sim tinha, mas não tanto porque antes aparecia sempre um ou outro, mas era muito difícil, assim, analfabetos, que é bem a palavra que eu estou usando, porque eu vejo que ainda nesse ano a gente ainda está sofrendo as consequências da pandemia, né? E as crianças, elas chegavam, assim, tendo um conhecimento, aquela criança que ainda não conseguia avançar no aprendizado. Por isso é

porque isso é normal. A criança, na questão da alfabetização, quando ela começa no primeiro ano, ela tem etapas pra ela ir consolidando, e às vezes certas habilidades ela consolida, às vezes ela não consolida no primeiro ano, vai consolidando no segundo ou até no terceiro ano, né? Então, assim, tinha, mas assim, elas eram silábicas, com valor, silábico, alfabética, ela chegava e você ia trabalhando com ela, ela rapidinho desenvolvia? Não era igual. No começo a gente achava que recebia até bastante, do município. Vinha pra gente com criança que não sabia nada. Agora nós também estamos recebendo crianças de outras regiões que elas também não estão alfabetizadas. Elas praticamente não têm nem conhecimento sonoro da palavra.

(03) P3 Sim, ah a questão da alfabetização, processo de alfabetização da criança, entra governo, sai governo, e eles tem uma, uma visão de período de alfabetização. Então, assim, nesses quatorze anos, a gente passou por muitas mudanças com legislações, com todo processo de busca para alfabetização. E são “N” fatores, assim, que influenciam nessa alfabetização. O olhar para a série, a idade série correta, nesses quatorze anos, a gente pode ver mudanças muito grandes e tudo que acontece de externo, fora do portão da escola, fora do ambiente, fora do processo influencia totalmente aqui dentro. Né? Ah, as dificuldades de aprendizagem, período de alfabetização, ele tem que ser olhado com mais cuidado justamente por causa da fase que a criança faz descoberta grande, se a gente não tiver cuidados. E que a família precisa também entender, o externo, tudo que acontece fora, quando chega aqui dentro, nesse período escolar, influencia e trava a criança. Tem um impacto muito grande. E a pandemia foi um dos que mexeu bastante muito fora outros fatores, que a criança passa fora daqui.

Certamente a pandemia agravou muito o problema da não alfabetização na idade certa, mas o problema já era existente antes da pandemia. Isto evidencia que, com a pandemia, os problemas de infraestrutura dedicada ao ensino também passaram a ocorrer na outra ponta da linha, considerando que as residências dos alunos também passaram a ser um local dedicado ao ensino, tendo como interface a tela de um computador, *tablet* ou celular. Entretanto, não são todas as famílias que possuem estes dispositivos em seus lares, fazendo com que a criança fique sem opção.

Questão 2: Quais habilidades/ estratégias foram utilizadas para superar a defasagem deixada pela pandemia, e como você avalia os resultados alcançados?

(04) P1: Então, eu trabalhei bastante a questão da consciência fonológica, que é a habilidade de manipular o som da fala, então, começamos com bastante cantigas, aquelas cantigas que eles cantavam lá no prezinho, eu fui pegando essas cantigas, fui explorando rima através dessas cantigas, fui explorando o sonzinho de letra, né, cada letrinha tem um som. A criança precisa conhecer o valor sonoro que cada letra carrega, não somente o nome. Fui trabalhando isso, depois eu fui avançando para sílabas que são os pedacinhos que formam palavras, até a gente chegar nas palavras, e agora já estamos nas frases. Alguns outros tem que retomar o processo igual eu falei. Eu avalio, assim, que foi bem proveitoso para as crianças que são participativas, aquela criança que vem pra escola, que não falta, que participou do reforço, teve bastante avanço, assim, considerável. Muitas crianças eram pré-

silábicas, hoje já tão alfabéticas. Então, eu tive, sim, muitos pontos positivos. É, durante essa caminhada, não posso dizer que aí tem muito problema, não teve os pontos positivos. Teve crianças que eu identifiquei que é através da consciência fonológica, identifiquei que tinha distúrbio de aprendizagem, né? A gente acabou de receber um laudo de dislexia, porque foi trabalhado tudo, e o menino não aprendeu ler, porque, porque tinha um outro problema.

(05) P2: Na verdade, foi como eu falei: cada professor, eu, nessas turmas que, quando voltei da pandemia, eu sempre pego o terceiro ano. Eu peguei um terceiro e um quarto anos. Você vai fazer o diagnóstico com o aluno, vai ver qual é o nível dos alunos, e no primeiro momento foi passado pra gente retroceder, primeiro avaliar, pra ver qual a fase da escrita dos alunos, como que estava o desenvolvimento da leitura deles. Depois resgatava as habilidades do segundo ano, não entra direto no terceiro ano. Você vai associando habilidades que são fundamentais lá do segundo ano que aquela criança perdeu. Então você trabalha, você explica, tem essa questão de interpretar, do entendimento da criança. Tem umas que avançaram mais, outras avançaram menos, no ano seguinte também foi feito a mesma coisa, sempre resgatando. Pegar uma habilidade, trabalhar e ver que meu aluno não sabe, por exemplo, ordem alfabética[...]. A nossa realidade não é tanto isso, mas eu sei da realidade de outras escolas. Criança falta muito, criança que não tem como vir pra fazer o, o reforço porque vem de ônibus, mora a dez, quinze quilômetros da escola. Sabe o que, que está tudo tentando, tudo tendo que alfabetizar. Todos tendo que alfabetizar. Todos no processo de alfabetização. No quarto ano, todos os alunos que entraram. E o que que aconteceu? Lá ela tem dois autistas. Antigamente, quando então ela está com uma turma superlotada, ela tem duas crianças, são autistas, que elas precisam ter um trabalho individualizado[...]. Antigamente, cada criança especial que você tinha, diminuía o número de alunos. E aí eles tiraram. Eu acho que era de reduzir três alunos por aluno especial. E, e aí, agora tiraram. Então, salas superlotadas que nós estamos tendo “N” problemas [...]E tudo é responsabilidade da escola. Tudo é a escola. E, às vezes, uma situação que é a família que tem que ir atrás, é a escola, é vacina, é na escola. Né? Criança comeu, não comeu? É na escola.

(06) P3: Pois é, uma das estratégias que eu, que eu ainda estou utilizando, são os exercícios de concentração. Ah, só que esse ano eu precisei me ausentar, né? Durante noventa dias, uma cirurgia um pouco complicada, em julho e em junho, né? Na verdade, e aí eu, e aí agora que eu voltei, tudo que eu fiz lá no início se perdeu. É. E eu ainda estou nesse período de justamente treinar com eles a questão da paciência, do ouvir, do esperar, sabe? Como a ansiedade deles, desenvolveu muito[...]. Então, assim, estou de novo trabalhando isso. Só que eu já percebi que, quando eu entro em sala, eles têm isso, é, antes da pandemia, e depois, agora depois da pandemia, piorou. Eles sabem como é o ritmo da professora dele. Ah eles, sabem que com a professora eles têm que se comportar de uma forma. Tem uma norma, uma regra, sabe? Uma, porque em sala a gente tem regras. Isso sempre houve, sempre haverá, não adianta, mesmo que eu trabalhe mais o lúdico, mas mesmo para você ter ludicidade dentro de sala, existem regras. A vida é feita de regras, né? E você tem que saber segui-las. E aí, quando eu retornei, eu achei que eu fosse levar mais tempo[...]. Assim, não vou dizer que já voltaram no meu ritmo não, ainda não, mas eles conseguem diferenciar o que é regra para um professor de como tem que me comportar, o que, que é o que eu tenho que fazer para os outros que passaram aí.

Quando as professoras foram indagadas sobre as habilidades e estratégias adotadas para superar a defasagem resultante da pandemia, relatam que adotaram a abordagem da consciência fonológica, prática que caracteriza a habilidade de manipular o som da fala, o que foi feito por meio de cantigas com o objetivo de explorar o som de cada letra. O objetivo foi o resgate de conteúdos passados, ou seja, habilidades e competências não consolidadas no processo de alfabetização remoto/online. E para se trabalhar a questão da ansiedade dos alunos, recorreu-se a exercícios de concentração junto aos alunos.

Questão 3: Na sua visão quais são os resultados alcançados mediante as estratégias implementadas/usadas com os alunos na alfabetização?

(07) P1: Ah, depois das estratégias que eu fiz teste, que eu tentei, que eu apliquei em sala de aula, eu tive bastante, como eu falei, bastante pontos positivos, bastante criança que não lia absolutamente nada, que não conhecia as letras, e hoje já está lendo frases, algumas já leem textos pequenos. Então, essa forma que eu, eu achei da consciência fonológica, que foi uma habilidade que eu busquei no, no ano passado (2021), na época da pandemia eu fui buscar isso na internet como um apoio, porque era uma habilidade que eu conhecia, né, uma coisa que a gente não aprende na faculdade. Alfabetizar, a gente não aprende alfabetizar na faculdade. Então, eu fiz um curso, eu busquei, eu apliquei, e eu realmente tive resultados. Eu não tenho resultado com aquela criança que não vem pra escola, aquela criança que é faltosa, aquela criança que não vem no reforço. Aí, realmente, a gente não tem como fazer nada, né. Mas a criança que participou, sim, eu tive bastante resultado positivo, tanto na leitura quanto na escrita, quanto na matemática.

(08) P3: Olha, eu estou aí, vou tirar pela minha turma, né? Que que é a minha realidade, é o que eu estou vivendo, e eu, eu tenho vinte e nove alunos dentro de sala, estou com vinte e nove alunos numa sala. Dentro dessa sala, eu tenho um cadeirante, né? A legislação do município só permite, só permite vinte e oito, mas eu, não, até agora não me deram resposta, porque um a mais, por que que eu tenho que dar conta de um a mais nesse, nessa atual conjuntura que a gente está vivendo, e, desses vinte, vou tirar pelos vinte e oito que eu tinha anteriormente, né? Eu já consegui, consegui fazer com que eles lessem, já fiz a, consegui fazer dos, de todos eles, né? Dos anteriores, a troca da letra bastão pra cursiva, e aí os outros dois que entraram depois, infelizmente ainda não, não, não consegui né? Assim, a organização do caderno, essa questão de saber espaço, né? A questão do respeito. Uma coisa que eles vieram com bastante após a pandemia é a perda do respeito. Entre eles. Nossa! Muito complicado. Aí entra a questão de comportamento, comportamento horrível, horrível, sem empatia, sem, apesar que ele não sabe o que é empatia, né? Mas é a palavra que a gente, nossa, mas eles não têm, mas esse, esse olhar pro outro, e dizer assim “opa espera aí”, eu não posso passar disso aqui, eles estão indo além do que eles podem. Entre eles, mas dentro de casa nesse período perdeu muito. Muito. Muito. Eles estão muito violentos. Eles estão muito agressivos. [...] está desesperador, está? Estava muito preocupante. Sabe? Não empurrar por nada, não bater por um motivo bobo, foi um jogo fútil, torto. Não precisa agir assim com o outro também. Outra coisa é não se desculpar. Eles estão mais arredios pra se colocar no

outro e pensar que ele pode pedir desculpa pelo que ele fez. Quando você fala, pede desculpa pro colega. Eles estão levando mais tempo. Só que o trabalho que você faz pra sair essa desculpa da boca dele, ele tem que pensar. Refletir. Refletir o porquê que ele tem que pedir desculpa. Eles, você está, a gente está levando mais tempo do que antes. A gente está tendo que usar mais argumentos, mas persuasão. É pra, pra que eles realmente façam o pedido de desculpa. Muito triste, muito mesmo. A violência, ela não tá aí só na rua não, ela tá dentro das salas de aula, ela tá dentro das casas, ela não olha com a criança, ela tá carregando pra dentro da escola a, a tudo que ela tá vivendo.

Explorando mais a fundo o que os professores puderam relatar em matéria de resultados alcançados, é possível observar os avanços em relação a alfabetização e habilidades fonológicas. Reconhece os resultados que pôde alcançar em relação ao comportamento dos alunos, que em sua visão voltaram sem empatia, desesperados e agressivos, então se consegue fazer um aluno pedir desculpas para o colega, considera-se uma vitória pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a intenção de apontar e compreender os desafios que os docentes enfrentaram na alfabetização de alunos ao retomar as aulas presenciais no Ensino Fundamental, entende-se que, durante o período de ensino remoto, muitos alunos experimentaram interrupções significativas em seu aprendizado. Isso resultou em lacunas na alfabetização, na qual os alunos perderam conceitos fundamentais para alfabetização, habilidades preditoras da leitura e da escrita. Os docentes identificaram essas lacunas e desenvolveram estratégias para superar essas dificuldades para que os alunos possam acompanhar o currículo planejado, visto que as crianças pós-pandemia chegam a escola após um longo período distante da rotina escolar, apresentando muitas dificuldades. Uma das mais relevantes, é falta de noção de localização, ou seja, a criança não consegue se localizar temporalmente, não consegue se organizar. Deste modo, é preciso retomar algumas habilidades vistas anteriormente a pandemia, podendo, assim, resgatar essas competências perdidas em meio a desorganização que todos vivenciaram durante o período de confinamento. É importante ressaltar que questões recorrentes, relacionadas ao preparo de crianças e adolescentes para lidar com o isolamento social e a carga horária diária sem orientação complementar dos professores, não podem ser ignoradas.

Nesse sentido, percebe-se que práticas de ensino que demonstrem estratégias metodológicas eficazes são mais urgentes para garantir que os conhecimentos relacionados ao letramento sejam construídos em idade adequada. No entanto, o cenário educacional contemporâneo encontra obstáculos significativos para garantir que esses direitos sejam preservados para os alunos. O distanciamento do professor, faz com que o próprio processo de ensino-aprendizagem seja colocado em xeque, considerando que a presença do educador qualificado é de fundamental importância para o desenvolvimento alfabético.

Os dados da pesquisa sugerem que a pandemia do COVID-19 deixou poucas alternativas para o processo de educação formal desencadeando na instalação do ensino remoto emergencial, agravando a instabilidade do trabalho docente e alterando as situações de trabalho. Mostramos que o ensino a

distância limita a interação necessária para realizar um trabalho que se dá por meio da comunicação entre os sujeitos envolvidos no processo e, portanto, por meio da linguagem.

Portanto, podemos considerar que, diante do cenário atual e suas consequências, em se tratando do contexto educacional, políticas de recuperação da aprendizagem serão muito necessárias com base em formação ampliada e centralizada de professores; formação de agentes educacionais, para que a escola possa ofertar cada vez mais ensino de qualidade a todos; ampliação da busca ativa; ampliação da carga horária; material estrutural para uso na escola e em ambientes domésticos, assim como a participação mais efetiva das famílias na vida escolar de seus filhos.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, L. G.; FERREIRA, L.G; ZEN, G. C. Alfabetização em tempos de pandemia: perspectivas para o ensino da língua materna. **fólio- Revista de Letras**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2021. DOI: 10.22481/folio.v12i2.7453. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/7453>. Acesso em: 21 maio 2023.
- LEMOS, L. M. R.; SARLO, A. L. S. Efeitos da alfabetização aplicada no ensino remoto durante a pandemia de covid-19: uma revisão literária. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. e5981-e5981, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5981>. Acesso em: 21 maio 2023.
- SOUSA, K. M. B. de. A prática de alfabetização na pandemia Covid-19: o que dizem as professoras. **Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 14, n. 2, p. 302–309, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/rebs.v14i2.11455>. Acesso em: 13 set. 2023.
- LUIZ, S. S. F. **Alfabetização na pandemia: realidades e desafios**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19167>. Acesso em: 21 maio 2023.
- MACHADO E SILVA, P. V. Alfabetização e letramento em tempos de pandemia: relatos de experiência durante o ensino remoto. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 01-20, nov. 2022. ISSN 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/64568>. Acesso em: 21 maio 2023.
- SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Autêntica, 2018.
- SOARES, M. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo. Contexto, 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa Residência Pedagógica que propiciou vivências na escola que enriqueceram meu currículo profissional e pessoal. Pude atuar como professora, o que trouxe mais confiabilidade e certeza de ser alguém que transforma histórias através da educação. Esta, sim, é minha missão.

Recebido em: 8 de novembro de 2023.

Aprovado em: 15 de dezembro de 2023.

Link/DOI: <https://doi.org/10.30681/rebs.v14i3.11972>

ⁱ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2023/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3416-3446>

Curriculum lattes: <http://lattes.cnpq.br/9955750268564502>

e-mail: geane.pereira.silva@unemat.br